

QUILOMBOS URBANOS: A RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA NAS FAVELAS DE SÃO PAULO.

Claudia Irene de Oliveira Hengler

Marlene Alves Salvador

Sítio Seu Raymundo- Pedro Barros - Miracatu - SP

RESUMO

Este trabalho foi voltado para a análise histórica da população negra no Brasil a partir do início do sistema escravista até os dias atuais, a formação das favelas na região metropolitana de São Paulo, que está estreitamente ligada à presença de quilombos em áreas urbanas, e a resistência cultural negra dentro destas localidades, que vem caracterizá-las enquanto quilombos urbanos. A intenção deste trabalho é evidenciar a existência e a importância das atividades desenvolvidas nestas comunidades tanto para a população negra como para a comunidade e para a cultura afro-brasileira como um todo.

Palavras-chave: Favela, Quilombos urbanos, cultura negra.

ABSTRACT

This paper is focused on the historic analysis of the black population in Brazil since the beginning of the slavery system until nowadays, the formation of the slums in São Paulo's metropolitan area, that is narrowly connected to the presence of the quilombos in urban sites, and the black cultural resistance inside those places, what makes them be characterized as urban quilombos.

This paper's intention is to highlight the existence and the importance of the activities developed among those communities to the black population and to community, as well as to the entire afro-brazilian culture.

Keywords: Slums, Urban Quilombos, Black Culture.

INTRODUÇÃO

A palavra quilombo origina-se do quimbundo *Kilombo*, significando acampamento, arraial, povoação; união; exército. (LOPES, 2006, p.186).¹ Para Moura (1994, p. 22- 24)² o quilombo é o epicentro do fenômeno da quilombagem, que foi organizado e dirigido pelos próprios escravos durante o escravismo brasileiro em todo o seu território; um movimento de mudança social provocado, que desgastou significativamente o sistema escravista, social, econômica e militarmente, contribuindo para a crise do escravismo, que mais tarde foi substituído pelo trabalho 'livre'. Os quilombos foram muito mais do que esconderijos de escravos, foram a maior forma de protesto, luta e resistência contra o sistema escravista e um espaço onde os(as) negros(as) puderam desenvolver seus costumes e reafirmar sua identidade. Estes espaços de resistência não ocorreram apenas

nas áreas rurais, havendo citações de sua existência também em áreas urbanas. Esses locais ou eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semi-rurais . Importantes núcleos negros nasceram desse tipo de configuração; como, por exemplo, o bairro do Bexiga, em São Paulo, originário do quilombo do Saracura. Segundo Ferreira e Braga (2010?, p. 7) ³ o Estado brasileiro só reconheceu a existência desse tipo de quilombo em 2003, entretanto no final do século XIX quando muitas mudanças ocorriam no Brasil como a 'abolição' formal da escravatura e a adesão ao regime político republicano, a cidade de São Paulo se consolidava com a mudança de ricos fazendeiros da lavoura de café. Os cafeicultores foram morar nas regiões da Avenida Paulista, Campos Elíseos e Higienópolis, trazendo consigo negros escravizados e trabalhadores (as) domésticos

(as) “livres” que foram residir próximo aos seus senhores e patrões em residências coletivas conhecidas como Quilombos Urbanos ou Irmandades Negras na área central da cidade. Esses territórios enfrentam, assim como os quilombos rurais, vários problemas, tais como o reconhecimento de sua identidade fora da ruralidade, segurança jurídica de seu direito a propriedade, a opressão histórica, a resistência frente à especulação imobiliária e projetos de desenvolvimento urbano que implicam na redução do território ou no deslocamento desses grupos étnicos.

Já para a origem das favelas existem várias hipóteses, entre elas a relação com os quilombos que enfraquecendo enquanto espaço de luta e resistência negra e agrupando outros povos com outras culturas se modificou e transformou-se nas atuais favelas, que contudo mantem fortes traços da

cultura negra. Porém, não existe uma explicação única para o surgimento desse tipo de habitação mas sim uma série de fatos que levaram a sua conseqüente existência. Segundo o IBGE o termo favela diz respeito a um aglomerado de pelo menos 50 domicílios, sem infraestrutura e em áreas juridicamente 'ilegal'. Para Rodrigues (1996, p. 37)⁴ a favela surge da necessidade do *onde* e do *como* morar. Em São Paulo, houve primeiramente uma ocupação dos casebres e prédios antigos abandonados do Centro Velho da cidade, pela população negra que com os 'trabalhos de melhoramentos da cidade' foram expulsos para as áreas mais afastadas.

“Na primeira geração pós-1888 a identidade negra brasileira alcança um novo estágio, após séculos de germinação, sobretudo nos bairros negros e a seguir nas favelas dos centros urbanos com maior densidade de afrodescendentes.”(JOFFILY, 1999?, p. 81).⁵

De acordo com Ribeiro (1995, p. 204)⁶ em São Paulo, onde faltam morrarias, as favelas se assentam em chão liso de áreas de propriedade contestada e organizam-se socialmente como favelas. Resistem quanto podem a tentativas governamentais de desalojá-las e exterminá-las.

Em relação à cultura e à cultura negra especificamente é interessante observar algumas de suas definições. Ferreira (2001, p. 197)⁷ define cultura como: O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. Já a cultura negra foi obrigada, como evidencia Moura (1994, p. 34)² durante a escravidão a transformar não apenas sua religião, mas todos os padrões das suas culturas em uma cultura de resistência social. A classe dominante sempre tentou aculturar o povo negro e na maioria das vezes

esforçou-se para eliminar sua cultura usando para isso a cooptação e tentando reduzi-la à simples folclore.

[...] Tudo isso passou a ser simplesmente *folclore*. E com isto subalternizou-se o mundo cultural dos africanos e dos seus descendentes. A dominação cultural acompanhou a dominação social e econômica. O sistema de controle social passou a dominar todas as manifestações culturais negras, que tiveram, em contrapartida, de criar mecanismos de defesa contra a cultura dominadora. (MOURA, 1994, p.35).²

Apesar de todas as tentativas de aculturação, como por exemplo a folclorização, a cultura negra resistiu e chega aos nossos dias por meio das atividades desenvolvidas por grupos e pessoas que dedicam suas vidas na preservação de sua cultura. Com o fim da

escravidão' os quilombos urbanos transformaram-se em 'territórios negros', ou em alguns lugares, os 'territórios negros' transformaram-se em quilombos urbanos, onde as tradições africanas floresceram apesar de malvistas pela sociedade e perseguidas. Essas habitações eram consideradas redutos marginais, já que a classe dominante sempre fez a ligação da favela com o crime e do favelado com a criminalidade, uma vez que a situação socioeconômica acaba por impulsionar alguns de seus moradores à criminalidade, sem, porém, analisar que os escravos e seus descendentes foram abandonados a sua própria sorte, sem que lhes fosse oferecido nenhuma forma de sobrevivência digna. Assim como nos territórios negros, nas favelas existe um alto índice de violência, moradia inadequada, falta de justiça social e seus moradores sofrem preconceitos de toda ordem.

OBJETIVO

A intenção deste trabalho é evidenciar que dentro das favelas existe uma forte presença da cultura negra sendo preservada; e as características comuns entre estas habitações e os quilombos, a fim de que estas localidades sejam reconhecidas, pelo Estado, enquanto quilombos urbanos. A questão socioeconômica do povo negro atualmente é resultante dos mais de quinhentos anos de exploração e marginalização a que foram submetidos sendo de relevante importância expor à sociedade sua trajetória de luta e resistência e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Ao ver os intelectuais europeus confirmando seus preconceitos, o senhor de escravos passou a crer mais facilmente na superioridade do homem branco. Da sociedade escravocrata e dessa

crença nasceu uma ideologia que deturpou a crítica social e deixou vícios culturais que ainda hoje justificam o sofrimento de que negros e pobres foram vítimas. Mesmo os defensores dos negros sofreram influencia dessas ideias e, sem atinar com as verdadeiras causas do atraso brasileiro, explicaram-no por uma hipotética inferioridade racial 'do povo' e não do sistema escravista(CHIAVENATO, 1999, p. 75) ⁸

Segundo Moura (1994, p. 7 e 33)² A história do negro no Brasil confunde-se e identifica-se com a formação da própria nação brasileira e acompanha a sua evolução histórica e social. Mas o negro não apenas povoou o Brasil e deu-lhe prosperidade econômica através do seu trabalho. Trouxe também, as suas culturas que deram o *ethus* fundamental da cultura brasileira.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado baseando-se em pesquisas bibliográficas, tendo como principais referências as obras de Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*; e Júlio José Chiavenato, *O negro no Brasil - da senzala à abolição*.

Buscou-se traçar um perfil da situação da população negra brasileira desde o início da escravidão no Brasil até os dias atuais, procurando evidenciar como e porque ocorreu a formação das favelas da região Metropolitana de São Paulo, o porquê da atual condição socioeconômica da população negra nestas localidades e principalmente a resistência do povo negro em seu interior. No entanto, este trabalho traz também como uma importante fonte para seu embasamento os relatos colhidos dentro de algumas favelas de São Paulo, onde grupos e pessoas que

desenvolvem atividades culturais de raiz afro
citam como ocorre e qual a importância destas
atividades para a favela e para a resistência
cultural do povo negro.

RESULTADOS

1- A ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL

A história da escravidão negra no Brasil é
marcada por muita violência e perpetua
preconceitos e atrasos socioeconômicos que
chegam até os nossos dias.

Esta história começa com a chegada das primeiras
levas de escravos vindos da África. Isto se dá por
volta de 1549, quando o primeiro contingente é
desembarcado em São Vicente.[...] Enquanto o
Reino vinha para a aventura da colonização
pensando em um breve regresso, deixando, muitas
vezes, a família em Portugal, o negro africano
sabia que a sua viagem era definitiva e que as

possibilidades de voltar
não existiam. (MOURA,
1994, p. 7-8).²

O povo africano, arrancado de sua terra natal
e trazido para um local desconhecido, passou
por profundas mudanças e carregou o fardo de
construir a riqueza de uma sociedade da qual
seria totalmente excluído. O Brasil, modelo
do escravismo colonial foi o último país a
abolir o tráfico e a escravidão. A escravidão
tanto por meio do tráfico como por meio da
exploração da mão de obra, propiciou grandes
riquezas tanto para os traficantes como para a
aristocracia rural brasileira e os governos
europeus. O negro africano tornou-se
mercadoria e passava por todas as formas de
comercialização, tendo todos os seus direitos
negados e sua condição humana não
reconhecida. Outro grande impacto causado
pela colonização diz respeito ao meio

ambiente e seus resultados refletem a atual situação da flora e da fauna brasileira.

O trabalho escravo dos negros fazia o sistema funcionar, regando o chão com suor e sangue. Necessitando cada vez mais de terras e utilizando uma técnica primitiva, o latifúndio incendiou o Nordeste, apelando à coivara: o fogo destruiu as matas, queimou a maior parte das madeiras de lei, modificou o clima, o regime das águas (agravando o problema das secas) e exterminou a fauna regional.
(CHIAVENATO, 1999, p. 12)⁸

Segundo Freitas (1984, p. 21)⁹ o escravo reduzido a qualificação de coisa, podia ser vendido, alugado, penhorado, testado e até mesmo morto. O amo possuía o fruto que ainda se gerava no ventre da mulher.

Após a longa viagem nos navios negreiros, em condições subumanas onde parte dos cativos morriam devido à má alimentação, ventilação e higiene, aqueles que sobreviviam, ao desembarcarem no Brasil eram expostos em mercados para serem negociados.

“Os negros eram pesados e medidos. Eram 'peças da África', chamados de 'sopros de vida' e 'fôlegos vivos'. A forma de comercializá-los denuncia o processo desumanizador: não se vendia um, dois, cinquenta negros- vendiam-se 'peças!'”
(CHIAVENATO, 1999, p. 41)⁸

Os castigos não constituíam atos isolados, e sim uma necessidade imposta pelo próprio sistema, que de outro modo não sobreviveria.

Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e, quando chamava

atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de mutilações de dedos, do furo de seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinquenta chicotadas diárias, para sobreviver. Se fugia e era apanhado, podia ser marcado com ferro em brasa, tendo um tendão cortado, viver peado com uma bola de ferro, ser queimado vivo, em dias de agonia, na boca da fornalha ou, de uma só vez, jogado nela para arder como um graveto oleoso (RIBEIRO, 1995, p. 120).⁶

De acordo com Chiavenato (1999, p. 45)⁸ o escravo por representar um investimento era explorado ao máximo; nos engenhos, os negros trabalhavam 12 horas por dia no

campo, depois eram explorados por mais quatro ou seis horas, totalizando 14 ou 18 horas de trabalho.

O sistema escravista tinha também a justificativa religiosa de que o negro descenderia de Cã, filho maldito de Noé; e que por isso o cativo seria a chance de expiar seu pecado, resgatar-se e alcançar a salvação. Joffily (1999?, p. 20) ⁵ressalta que a Igreja endossa e pratica a escravidão negra.

Na intenção de dificultar ainda mais a situação dos escravos, estes eram separados logo em sua chegada, havendo o cuidado de não deixar membros de uma mesma tribo juntos, para dificultar a comunicação entre eles, impossibilitando sua organização.

Durante o período da mineração houveram grande número de mortos. Chiavenato (1999, p. 43)⁸ destaca que de cada 20 africanos trazidos ao Brasil, apenas três não seguiam

para as minas. Isto é: dos que entravam no Brasil, 85% iam para a mineração; dos que trabalhavam nas minas 85% morriam.

Também na cafeicultura, a população negra sofreu grande perda, devido ao excesso de trabalho, doenças e acidentes. Chiavenato (1999, p. 45-46) ⁸prosegue apontando que na safra do café, quando havia ameaça de geadas, o trabalho prosseguia noite adentro, à luz de fogueiras e tochas, em temperaturas baixíssimas. Nas plantações e máquinas de beneficiar café, as doenças e os acidentes de trabalho inutilizavam cerca de 25% dos escravos em um mesmo período.

Outra forma de explorar o trabalho cativo era arrendá-lo ou alugá-lo. Os chamados escravos de ganho trabalhavam como barbeiros, carpinteiros, quituteiras, prostitutas etc. e entregavam ao seus senhores grande parte do que arrecadavam. Essas atividades foram

desempenhadas principalmente pelos escravos urbanos.

Negros de ganho e negras ganhadeiras eram escravos que cuidavam dos negócios de seus proprietários, a quem entregavam o 'ganho' no fim do dia. Os negros de ganho geralmente ocupavam-se de oficinas de reparos, pequenos comércios ou artesanato. Alguns eram obrigados a arrecadar uma quantia determinada. Se não conseguissem, sofriam castigos

(CHIAVENATO, 1999, p. 48-49)⁸

Segundo Ribeiro (1995, p. 220) o Brasil, no seu fazimento, gastou cerca de 12 milhões de negros, desgastados como a principal força de trabalho de tudo o que se produziu aqui e de tudo que aqui se edificou.

Desta forma o povo negro pagou arbitrariamente um elevado preço para construir a sociedade brasileira, justificada por meio de uma ideologia racista.

Nesses quinhentos anos, homens, mulheres e crianças da África foram mortos, torturados e violentados culturalmente, para que os europeus pudessem explorar suas colônias. Não houve genocídio maior na história da humanidade- incluídos aí os fornos crematórios do nazismo- , e o escudo ideológico adotado para justificar esse massacre foi a 'inferioridade racial do negro'.(CHIAVENATO, 1999, p.24)⁸

1.1- As Formas De Resistência

A resistência negra ao sistema escravista pode ser observado ao longo de toda a história brasileira. Joffily (1999?, p. 20) ⁵destaca que a

luta dos escravos marca o Brasil em nível só superado no Haiti.

Mesmo sob forte repressão, os negros nunca aceitaram pacificamente a escravidão, como a história por décadas tentou fazer com que acreditássemos. Ribeiro (1995, p. 219-220)⁶ acentua que as lutas mais longas e mais cruentas que se travaram no Brasil foram a resistência indígena secular e a luta dos negros contra a escravidão, que duraram os séculos do escravismo. Tendo início quando começou o tráfico, só se encerrou com a abolição.

Durante as rebeliões, geralmente, os escravos matavam os senhores e suas famílias, os feitores e os capitães-do-mato e incendiavam as fazendas e plantações. As fugas coletivas eram mais frequentes por confundir os caçadores de escravos. A forma menos violenta de resistência era manter baixa a

produção, trabalhando num ritmo lento. Contudo a quilombagem, foi a principal forma de resistência contra a escravidão que traziam muita preocupação aos senhores e às autoridades portuguesas- assombrados com o fantasma do haitianismo- um “mau exemplo” para os outros escravos, pondo em risco as bases que sustentavam o escravismo colonial. Ficando assim evidente que a repressão foi sempre a condição para a permanência do sistema escravista.

Á parte esses tormentos rotineiros e regulares, há memórias de sadismos inconcebíveis: a castração, a destruição de dentes a marteladas, a amputação de seios, o vazamento de olhos, a marca na cara com ferro em brasa, a queimadura com lacre ardente. Registram-se casos de escravos emparedados vivos, afogados, estrangulados. Em Pernambuco houve casos de escravos arremessados vivos às caldeiras ou passados

na moenda.(FREITAS, 1984, p. 25-26).⁹

No entanto, apesar de toda sua luta a população negra herdou dos tempos da escravidão e das teorias de embranquecimento e superioridade racial, o peso do racismo que resiste até nossos dias, algumas vezes de forma sutil e até inconsciente, em outras de formas nítidas e violentas.

À opressão do escravismo juntou-se o pseudo-cientificismo de filósofos, cientistas, teólogos e historiadores. Os preconceitos contra os negros consolidaram-se como ideologia- hoje estendida também aos pobres. A própria teoria da evolução das espécies e a sobrevivência dos mais aptos, de Charles Darwin (1809-1882), um notório antiescravista, foi deturpada para servir ao sistema. Os escravistas defendiam a tese de que

uma das 'espécies humanas' não evoluiu- a 'espécie negra'. Criou-se o 'darwinismo social', que, segundo demonstra o ensaio de Juan Comas para a Unesco, *Os mitos raciais*, nada tem a ver com Darwin. (CHIAVENATO, 1999, p. 75)⁸

1.2- A Campanha Abolicionista

Com a crise no sistema escravista, surgem várias correntes; umas que lutam por um fim suave com indenizações para os senhores; outras que propõe reformas graduais e outras que exigem a libertação imediata dos escravos sem indenizações. Segundo Joffily (1999?, p. 85)⁵ a campanha abolicionista inicia-se em 05/03/1879 com o discurso do Deputado Jerônimo Sodré e segue com o projeto do Deputado Joaquim Nabuco, que propõe a emancipação em 10 anos, negado na Câmara em 30/08/1880. Nascendo, a partir de

então, a Sociedade brasileira Contra a Escravidão, liderada por Nabuco, o engenheiro André Rebouças, e o jornalista José do Patrocínio.

A luta contra a escravidão ganha adeptos, intelectuais, jornalistas, advogados e profissionais liberais juntam-se às Associações e tornam mais intensa a Campanha, arrecadando fundos para comprar cartas de alforria. Ocorrendo também a intensificação das fugas.

No entanto, Silva (1987,p.31) ¹⁰destaca que nesse momento a população negra escrava era uma minoria. Havendo uma imensa multidão de escravos 'livres', que perambulavam pelas estradas e pelas ruas das vilas e cidades.

A Campanha passa à ação extralegal: ajuda fugas e quilombos, ataca capitães -do-mato. Em SP são os Caifazes de Antonio Bento, intelectuais,

estudantes, ferroviários, gráficos, muitos cocheiros; em Campos, as Bastilhas de Luís Carlos de Lacerda incendiam canaviais e arrancam escravos do tronco. O Clube do Cupim (PE), os grupos de Cesário Mendes (Cachoeira, BA) e Francisco Alves (Buquim, SE), dizem usar 'todos os meios'. A massa de escravos adere ao movimento pela fuga em massa (1/3 dos 173 mil cativos de SP). (JOFILLY, 1999?, p. 85).⁵

Porém, para Chiavenato (1999, p. 117)⁸ o abolicionismo foi um debate político, não uma luta social. O mesmo autor prossegue fazendo uma crítica à alguns abolicionistas, que segundo ele, adotaram, apesar de sua luta, a ideologia racista da época.

Abolicionistas como Joaquim Nabuco saíram da luta vitoriosa pela liberdade dos escravos já pensando em 'branqueá-los'. Ele foi um dos pioneiros do branqueamento,

seguido por Rui Barbosa, Melo Franco e Euclides da Cunha todos contra a escravidão-, mas incapaz de superar os preconceitos da época. Em *O abolicionismo*, Nabuco afirmou que o fim da escravidão possibilitaria absorver 'o sangue caucásico vivaz, enérgico e sadio', que certamente embranqueceria o nosso povo. O mesmo pedia o jornalista e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, José do Patrocínio, que agradeceu a 'bondade' da princesa Isabel e afirmou esperar por uma amálgama de raças que eliminaria os preconceitos, branqueando os seus irmãos: ele era mulato, filho de uma escrava alforriada e do cônego João Monteiro. (CHIAVENATO, 1999, p.77)⁸

1.3 - A Legislação Abolicionista No Brasil

O movimento abolicionista ganha força, no entanto, a elite preocupada com a produção da monocultura cafeeira tenta prolongar ao

máximo a escravidão. Tinham medo que a campanha abolicionista causasse uma revolta generalizada dos escravos, como ocorreu no Haiti em 1793, que resultou na sua Independência, no fim da escravidão e na morte dos senhores. Influenciados pela elite brasileira, a Câmara e o Senado, decidiram que a abolição ocorreria sem risco de prejuízos para os ex-escravocratas.

Em consequência, o capital investido no negro devia ser protegido, e surgem as primeiras leis protetoras. Se antes, conforme já vimos, as leis contra o escravo eram quase todas despóticas e terroristas, nessa fase da escravidão ele passa a ser protegido. A Lei do Sexagenários, a do Ventre Livre, a extinção da pena de açoite, a proibição de se venderem para senhores diferentes membros da mesma família escrava e outras são mecanismos que protegem mais a

propriedade do senhor do que a pessoa do negro escravo. (MOURA, 1994, p. 56-57)²

1.3.1- A Lei Do Ventre Livre

A Lei do Ventre Livre, como as demais leis protetoras surgidas na época, acaba por beneficiar mais os proprietários do que os escravos, por um lado livrando-os da obrigação de sustentar as crianças que lhes trazem mais prejuízos que benefícios, e de outro lado mantendo disfarçada a escravidão do mesmo até os 21 anos de idade.

Segundo Joffily (1999? ,p. 85) 5a Lei do Ventre Livre, Rio Branco ou do Nascituro, liberta o filho de escrava (que fica sob tutela do senhor até os 21 anos) e cria um fundo de emancipação (que em 12 anos alforria 0,7% dos cativos) e é sancionada em 28/09/1871 ,pela princesa Isabel; Lei esta que segundo

Moura (1994, p. 57)² condicionava praticamente o ingênuo a viver até os vinte anos numa escravidão disfarçada trabalhando para o senhor.

Na época em que a lei é sancionada, várias crianças são abandonadas nas ruas, descartadas pelos senhores.

Depois da primeira lei abolicionista - a Lei do Ventre Livre, que liberta o filho da negra escrava-, nas áreas de maior concentração da escravaria, os fazendeiros mandavam abandonar, nas estradas e nas vilas próximas, as crias de suas negras que, já não sendo coisas suas, não se sentiam mais na obrigação de alimentar. Nos anos seguintes à Lei do Ventre Livre (1871), fundaram-se nas vilas e cidades do estado de São Paulo dezenas de asilos para acolher essas crianças, atiradas fora pelos fazendeiros. (RIBEIRO, 1995, p. 232-233).⁶

1.3.2- A Lei Do Sexagenário

Segundo Joffily (1999?, p. 85) ⁵o projeto inicial desta Lei libertaria sem indenização o cativo com mais de 60 anos. Porém, a lei saiu no governo do conservador barão de Cotegipe, em 28/09/1885, com mais limitações: liberdade só aos 65 anos.

Na verdade, esta lei foi mais uma forma de os senhores 'livrarem-se' dos escravos(as) que não serviam mais para a produção, ocasionando apenas despesas e transtornos.

“A Lei do Sexagenário, por exemplo, serviu para descartar a população escrava não produtiva, que apenas existia como sucata e dava despesas aos seus senhores.”(Moura, 1994, p. 57)²

Para esta Lei houve pouca resistência por parte dos senhores, devido às suas vantagens.

Como a expectativa de vida de um escravo era bem curta, os poucos que conseguiam chegar aos 60 anos, encontravam-se improdutivos e moribundos, causando vários transtornos aos seus senhores. Com essa Lei podiam, livremente expulsá-los de suas fazendas já que não eram mais sua propriedade.

1.3.3- A Lei Eusébio De Queirós

Ao longo de toda a história da humanidade pode-se observar a ocorrência de escravidão, porém a escravidão tal qual conhecemos no Brasil tem sua origem com a expansão marítima europeia. De acordo com Silva (1987, p. 8) ¹⁰a história, acusa Portugal de ser o patrocinador inicial do longo período marcado pelo sofrimento e pela humilhação do povo negro africano.

A Igreja teve uma participação fundamental durante esse processo, apoiando, praticando e justificando a escravidão.

Um fator relevante nesse momento foi o apoio do papa Nicolau V através da publicação da bula *Romanus Pontifex*, assinada em 8 de janeiro de 1455, que outorgava poderes de captura dos negros africanos aos navegantes portugueses, tendo como missão retirá-los da **servidão perpétua**, batizá-los e integrá-los nos moldes de sociedade adotados pelos novos colonizadores.(SILVA, 1987, p. 8).¹⁰

Segundo Joffily (1999?, p. 71) ⁵a Lei Bill Aberdeen de 8/8/1845 radicaliza o combate ao tráfico, visando sobretudo o Brasil. Onde a armada britânica arroga-se 'o direito e o dever' de apresar qualquer embarcação que conduza escravos, sem considerar águas territoriais ou normas do direito internacional.

De acordo com Chiavenato (1999, p. 92) ⁸os ingleses afundavam os navios negreiros e os

africanos, que deveriam ir para as senzalas, submergiam juntos e eram comidos pelos tubarões. Às vezes, 'humanitariamente', os ingleses salvavam os negros e os levavam para as Antilhas, onde os escravizavam ou contrabandeavam.

A Lei Eusébio de Queirós de 1/7/1850, de acordo com o que cita Joffily (1999?, p. 71)⁵ referenda a de 1831; considera o tráfico pirataria; prevê a apreensão e leilão de navios negreiros e proveito dos apresadores e denunciadores, e a devolução dos cativos à África ou o seu uso pelo governo ('escravos da nação'). O mesmo autor cita também que na iminência da proibição o tráfico se intensifica ainda mais (257 mil escravos em 1846-1850, 81% deles, para o Sul-Sudeste).

Chiavenato (1999, p. 74, 93 e 94)⁸ acrescenta que com o fim do tráfico, o comércio interno intensificou-se, pelo contrabando de escravos

de um lado para outro do país, ao sabor dos ciclos econômicos. Porém, para os negros, pouca coisa mudou. Pois a supressão do tráfico não modificou a estrutura do escravismo no Brasil. Apenas mudou a fonte de abastecimento, estimulou o comércio interno e fez surgir alguns "criatórios", além de triplicar os preços. E apoiados na imagem degradada do negro legitimou-se a escravidão. Historiadores, cientistas e religiosos, estiveram envolvidos no rendoso negócio do tráfico.

1.3.4- A Lei Áurea

Milhares de pessoas festejaram diante do Paço a Assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

“A Lei (Art. 1º: **É declarada extinta a escravidão no Brasil**; 2º: Revogam-se as disposições em contrário.) passa na Câmara (12/5, 9 votos contra), Senado (13/5, 1 voto contra) e é sancionada no mesmo dia pela regente, com a caneta de ouro que inspira o nome Lei Áurea; “ (JOFFILY, 1999?, p. 85).⁵

É de relevante importância mencionar que quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea só fez oficializar uma realidade vivida pela maioria da população negra, conquistada com muita luta, que como bem coloca Chiavenato (1999, p. 109,116)⁸ a tranquilidade da aprovação da lei reflete a sua desimportância para libertar os escravos: apenas legalizou uma situação de fato. Na realidade, a abolição libertou o homem branco dos escravos. O escravismo só morreu porque se tornou evidente, a partir de 1872- quando em São Paulo a maioria dos trabalhadores já eram

assalariados-, que o trabalho escravo era anacrônico.

Porém, como já foi relevado, a abolição da escravatura não apresentou grandes alterações para os antigos escravos, que não foram reintegrados à sociedade nem foi lhes dada nenhuma forma de indenização ou assistência. Tampouco, a abolição ocasionou o total desequilíbrio da produção agrícola como temiam os fazendeiros. Porém, eles sentiram-se traídos pelo governo Imperial, que não os indenizou. Sem o apoio dos latifundiários, a monarquia perdeu uma de suas maiores forças de sustentação e a adesão dessa elite à República, representou o golpe final ao Império e propiciou a sua proclamação em 15 de novembro de 1889.

O abolicionismo foi o instrumento dessas classes para a busca de vantagens nas mudanças nos sistemas de trabalho, não se

preocupando com o destino dos escravos. [...] Os negros não participaram do processo abolicionista. Este foi um negócio de brancos enfrentando a incapacidade das oligarquias em compreender a necessidade do fim do escravismo. A sociedade estava tão condicionada ideologicamente pela escravidão que a extinguiu apenas quando ela já não existia- e sofreu um choque que derrubou não só o governo como também o próprio Império. (CHIAVENATO, 1999, p. 111)⁸

2-OS QUILOMBOS

A quilombagem foi a principal forma de resistência do povo negro no Brasil. De acordo com Joffily (1999?, p. 20) ⁵a luta dos escravos marca o Brasil em nível só superado no Haiti. Forma principal: a quilombagem: fuga e formação de comunidades livres.

“**Quilombo [1]** , s. m. (1) Aldeamento de escravos fugidos. [...] – Do quimbundo *kilombo*, acampamento, arraial, povoação, povoado; capital; união; exército. [...]” (Lopes, 2006, p. 186).¹

Já Ferreira (2001, p. 575)⁷ coloca Quilombo enquanto refúgio de escravos fugidos.

No entanto, de acordo com Moura (1994, p. 22-24)² a quilombagem é um movimento emancipacionista que antecede o movimento liberal abolicionista; tendo um caráter mais radical, sem nenhum elemento de mediação entre o seu comportamento dinâmico e os interesses da classe senhorial. A quilombagem tem como epicentro o quilombo, mas pode nela englobar todas as manifestações de resistência da parte do escravo.

Faziam parte dos quilombos não apenas negros fugitivos, como também, índios, devedores do fisco, brancos pobres e

prostitutas. Os Quilombos foram muito mais do que esconderijos de escravos, foram a maior forma de protesto e resistência contra o sistema escravista e um espaço onde os (as) negros (as) puderam desenvolver seus costumes e reafirmar sua identidade. No entanto, esse tipo de resistência, estimulava as fugas e dificultava as capturas, sendo por isso fortemente combatida tanto pelos senhores como pelo estado Português, que investiu muito na repressão sem, porém, conseguir erradicá-los totalmente. O mais temido, duradouro e conhecido quilombo foi Palmares, que segundo Freitas (1984, p. 9)⁹ principiou em fins do século XVI, para acabar um século depois.

A elite colonial, incomodada com o crescimento e a atração exercida pelo quilombo, deu início ao seu ataque, que foi uma das mais violentas repressões militares da história do Brasil.

De acordo com Ribeiro (1995, p. 173)⁶ Palmares foi um caso exemplar do enfrentamento inter-racial onde negros fugidos dos engenhos de açúcar ou das vilas organizaram-se para si mesmos, na forma de uma economia solidária e de uma sociedade igualitária.

“ [...] tem 6 mil negros em 1643, 20 a 30 mil em 1677 (Salvador 15 mil habs., Recife 10 mil), inclui brancos e índios.” (JOFFILY, 1999?, p. 20).⁵

O Quilombo dos Palmares, foi o maior e o que resistiu por mais tempo, no entanto, não foi o único, em todas as regiões onde houve o trabalho escravo, houveram as fugas e a formação de quilombos. No entanto, essas revoltas não são tão conhecidas e na maioria das vezes são ignoradas ou tratadas como episódios marginais ao processo da história brasileira.

Após várias investidas Palmares é derrotado e destruído pela expedição de Domingos Jorge Velho. Em 20 de novembro de 1695, Zumbi é morto, sua cabeça é exposta em praça pública no Recife, a fim de mostrar aos demais negros que Zumbi não era imortal como alguns acreditavam. Conseguiram assim, acabar com a organização de um povo que acreditou e lutou por liberdade no seio do sistema escravista, porém, immortalizaram os ideais de Zumbi e do povo negro, que sobrevive até os dias atuais, onde vivemos as

Atacam pra aqui
contra-ataque pra lá
a luta continua
não pode parar
então, essa aqui
é a minha homenagem
aos guerreiros e guerreiras
que lutaram por liberdade
Não pode se esquecer
dos Mocambos e Quilombos
foram de grande importância
pra resistência do povo
que estiveram lá lutando
organizando com união
e aqui estão servindo
de fonte de inspiração
entre eles vem Cangume

consequências desse período e onde a luta por uma sociedade mais justa e igualitária continua. Os quilombos foram muito mais do que esconderijos de escravos, foram a maior forma de protesto, luta e resistência contra o sistema escravista e um espaço onde os(as) negros(as) puderam desenvolver seus costumes e reafirmar sua identidade.

A letra de Rap a seguir retrata alguns dos inúmeros focos quilombolas do Brasil e sua importância ontem e hoje:

Oitizeiro, Subupira
Engana-Colomim
Morro Seco, Mandira
Da Carlota ou Do Piolho
e o grande Jabaquara
eu lembrei Campo Grande
e também Capacaça
Dambrabanga, Porto Velho
Aboboral, Sapatú
Nossa Senhora dos Mares
Ambrósio, Turiaçu
Cafundó, Garanhuns
Pedro Cubas de Clima
um salve Angolajanga
Biguazinho, Catingas
Atacam pra aqui
contra-ataque pra lá

a luta continua
não pode parar
então, essa aqui
é a minha homenagem
aos guerreiros e guerreiras
que lutaram por liberdade
Bombas, Maria Claudia
veio aqui na memória
Andalaquituxe
Osenga, Maria Rosa
Pilões, Praia Grande
Quiçamã e Gongoro
e lá no Rio de Janeiro
Quilombo de Manoel Congo
Aqaltune, Tabocas
Poça, Ivaporunduva
Buraco do Tatu
em Goiás o do Calunga
Quilombo de Preto Cosme
no norte de Maranhão
André Lopes, Amaro
São Pedro, Galvão

No entanto, estes espaços de resistência não ocorreram apenas nas áreas rurais, havendo citações de sua existência também em áreas urbanas. Esses locais ou eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semi-rurais . Núcleos negros importantes nasceram desse tipo de configuração; como, por exemplo, o bairro do Bexiga, em São Paulo, originário do quilombo do Saracura.

Macaco, Trombeta
João Surrá e Una
Quiloange, Acotirene
Mocambo do Cabula
no Vale do Cricaré
Quilombo de Zacimba Gaba
e aqui no do Ribeira
Jaó e Nhunguara
os nomes aqui citados
entre outros representa
motivos de orgulho
marcas de resistência
e consciência
essa foi a minha homenagem
aos guerreiros e guerreiras
que lutaram por liberdade

Letra de RAP de Johnny O. Alves (Pqno Sobrevivente)

Segundo Ferreira e Braga (2010?, p. 7) ³o Estado brasileiro só reconheceu a existência desse tipo de quilombo em 2003, entretanto no final do século XIX quando muitas mudanças ocorriam no Brasil como a 'abolição' formal da escravatura e a adesão ao regime político republicano, a cidade de São Paulo se consolidava com a mudança de ricos fazendeiros da lavoura de café, que foram

morar nas regiões da Avenida Paulista, Campos Elíseos e Higienópolis, trazendo consigo negros escravizados e trabalhadores (as) domésticos (as) 'livres' que foram residir próximo aos seus senhores e patrões em residências coletivas conhecidas como Quilombos Urbanos ou Irmandades Negras na área central da cidade. Esses territórios enfrentam, assim como os quilombos rurais, vários problemas, tais como o reconhecimento de sua identidade fora da ruralidade, segurança jurídica de seu direito a propriedade, a opressão histórica, a resistência frente à especulação imobiliária e projetos de desenvolvimento urbano que implicam na redução do território ou no deslocamento desses grupos étnicos também são fatores de unidade e reivindicações entre estas populações. Assim sendo, o entendimento sobre quilombos esta vinculado às áreas que tem características próprias de reagrupamento

e que mantêm sua identidade negra do ponto de vista cultural.

Está em tramitação desde fevereiro de 2009 o Projeto de Lei 13/09, que dispõe sobre o estabelecimento de diretrizes para a identificação de Quilombos Urbanos na cidade de São Paulo. Lê-se em seu Artigo 1º - Ficam estabelecidas diretrizes para identificação de Quilombos Urbanos na Cidade de São Paulo. Parágrafo Único - Compreendem-se Quilombos Urbanos, todo e qualquer conjunto de lotes, quadras e ou remanescentes de resistência cultural de povoação predominantemente afro descendentes situados na Cidade de São Paulo. No Artigo 2º - A identificação destes remanescentes será estabelecido em caráter definitivo para fins de identidade cultural e territorial da população afro descendente no município.

Em seu Artigo 3º - São diretrizes para a

identificação de Quilombos Urbanos:

a) identificação geográfica; b) paisagística; c) cultural; d) étnica; e) culinária; f) arquitetônica;

g) arqueológica; h) memória oral; i) religioso;

j) outros. E Em seu Artigo 5º- Os Quilombos

Urbanos identificados pela Municipalidade,

uma vez oficializados, serão enquadrados nas

Zonas Especiais de Proteção Cultural -

ZEPECs - conforme estabelecido pela Lei

13.885/04.

Com o fim da escravidão os quilombos

urbanos transformaram-se em 'territórios

negros', ou em alguns lugares, os 'territórios

negros' transformaram-se em quilombos

urbanos, onde as tradições africanas

floresceram apesar de malvistas pela

sociedade e perseguidas, essas habitações

eram considerados redutos marginais devido

ao fato dos descendentes de escravos terem

dificuldades em conseguir emprego e

acabarem por exercer atividades ilícitas

O problema real é que os negros são os mais pobres porque vieram das senzalas. Isso é óbvio demais para ser desconhecido. Mas é sintomático que, sendo tão claro, precise ser repetido para contrapor-se aos preconceitos que se manifestam, as vezes

inconscientemente, no comportamento social do próprio negro. A tal ponto que muitas vezes fazem o jogo do sistema, negam suas origens e entregam-se ao branqueamento cultural e ideológico. (CHIAVENATO, 1999, p.119).⁸

3-A EXPANSÃO DA CAFEICULTURA

Quando o ouro começa a perder importância,

a cafeicultura se expande ocupando grandes

extensões de terras no Estado de São Paulo,

onde no começo do ciclo a mão de obra

escrava se fez presente. Mais uma vez muda-se o produto e preserva-se a forma de produção.

O 'Oeste Velho' (Campinas, Jundiaí, Limeira, Rio Claro) troca a cana pelo café na década de 1840; radicaliza a monocultura (o feijão encarece 2.500% e SP em 1850 passa a importar açúcar, antes seu principal artigo de exportação); apoia-se no trabalho escravo, que defenderá opondo-se ao fim do tráfico e à abolição, mas também importa as 1ª levas de colonos europeus. [...] Em 1855 SP tem 55 mil escravos e 62 mil colonos e outros trabalhadores livres em 2.618 cafezais. (JOFFILY, 1999? P. 69)⁵

De acordo com Joffily (1999?, p. 69)⁵ o trabalho escravo domina por inteiro esta 1ª fase. Em 1841-1850 a região do café importa 371 mil escravos, da África e do Nordeste e

MG, onde as crises do açúcar, do algodão e do ouro criam excedentes de braços.

Com a alta no valor dos escravos, que aumenta muito com o fim do tráfico, os colonos vão aos poucos substituindo a mão de obra negra escrava nas fazendas de café. Esses imigrantes também contemplavam as necessidades da época que pretendiam o embranquecimento da sociedade brasileira.

Uma ideologia do branqueamento compõe o esforço da imigração. Teses racistas levam a convicção de que só o branco, europeu, convém para 'melhorar' o sangue 'corrompido' por negros e índios.[...] Um decreto presidencial de 18/06/1890 proíbe a imigração de africanos e asiáticos sem licença especial. Outro, de 18/09/1945, propõe-se a desenvolver na composição étnica do país as características mais convenientes de sua ascendência

européia. (JOFFILY, 1999? p. 81)⁵

Chiavenato (1999, p. 118) ⁸acrescenta que é na exploração do trabalho escravo que está a origem do racismo brasileiro. Onde se projeta no mulato a expressão de 'progresso social' à medida que ele embranquece, reforçando o racismo, mascarando-o com uma aparente 'democracia racial' e fortalecendo a função prática da ideologia do branqueamento, que já foi amplamente absorvida pela sociedade e é praticada 'naturalmente'.

4- A GUERRA DO PARAGUAI

A Guerra do Paraguai foi uma ação conjunta para eliminar o único Estado livre da América do Sul, uma república autônoma desde 1811. De acordo com Chiavenato (1999, p. 97)⁸ a guerra matou a maioria do povo paraguaio, 75,75% de sua população total. O

Paraguai foi destruído em uma guerra que durou cinco anos, financiada pelos bancos ingleses.

A elite brasileira aproveitou-se deste episódio para tentar amenizar as questões raciais que enfrentavam e que ameaçavam suas estruturas.

Ao fazer a guerra contra o Paraguai, o Brasil enfrenta um 'problema racial'. Os negros, embora já não constituíssem a maioria absoluta da população, ganharam 'peso social'. Eram crioulos, nascidos no Brasil, falavam português e haviam passado por um aprendizado de mais de 250 anos sobre a sociedade brasileira. Já manifestavam uma inquietação libertária.[...]Entre outros fatores a guerra contra o Paraguai contribuiu para matar negros. Nesse período processou-se uma brutal "arianização", que diminuiu os 31,2% de negros na população do

Império em 1850 para 15,2% logo depois do conflito. (CHIAVENATO, 1999, p. 95, 96)⁸

Além de eliminar parte da população negra, os senhores livravam seus filhos da obrigação da guerra, substituindo-os por escravos. Chiavenato (1999, p. 97, 99, 100)⁸ cita que a aristocracia substituía seus filhos mandando em seu lugar de oito a doze escravos e que não se pode afirmar que tenha sido de forma programada, mas o fato é que a guerra contra o Paraguai fez cair a população negra em 57% logo depois do conflito, que refletindo a ideologia da época, fez uso deliberado do negro como bucha de canhão. Como Rui Barbosa mandou queimar quase todos os documentos sobre a escravidão, não se sabe precisamente quantos escravos o governo imperial comprou ou alforriou de suas próprias senzalas, mas o número de negros

livres que voltaram do Paraguai é conhecido. Após cinco anos de lutas, retornaram 20 mil. Morreram na guerra entre 60 mil e 100 mil negros.

5- INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

Até 1808 era praticamente proibida a indústria e o comércio na colônia, porque os produtos fabricados aqui concorreriam com os fabricados na Metrópole. Com isso, o Brasil permaneceu como exportador de gêneros agrícolas, mesmo após sua independência em 7 de setembro de 1822, quando alguns países europeus já vivenciavam a industrialização. Segundo Joffily (1999?, p. 82)⁵ o Brasil ingressa na Revolução Industrial com décadas de atraso. É o preço do escravismo e do acordo de 1810 com a Inglaterra. No entanto em meados do século 19 vários fatores

ensejam uma incipiente modernização: a tarifa Alves Branco supera os acordos de 1810 e protege o produto nacional; a grande imigração alarga o mercado de trabalho e de consumo; o surto do café e o fim do tráfico negreiro geram capitais disponíveis; investidores estrangeiros (quase todos ingleses) são atraídos. Até 1930, a indústria brasileira é predominantemente alimentícia e têxtil, tendo como proprietários fazendeiros que formam empresas familiares ou pequenas sociedades, com mão de obra a princípio majoritariamente escrava. A crise de 1929 abala a economia cafeeira, levando os senhores do café a investirem seu capital nas indústrias.

“O café gera o grosso do capital das fábricas. Em 1920 SP já é o 1º em capital, produção, nº de empresas e operários. São os frutos do café, das ferrovias, porto, cidades e mercados que ele cria. A mão de obra é composta na

maioria por imigrantes.” (JOFFILY (1999?, p. 108)⁵

De acordo com Ribeiro (1995, p. 194) ⁶a crise de desemprego que ocorre na Europa na passagem do século nos manda 7 milhões de europeus. Quatro e meio milhões deles fixaram-se definitivamente no Brasil, principalmente em São Paulo, onde renovaram toda a vida econômica local.

A partir de 1930, em meio a grandes turbulências políticas, o Estado passa a investir profundamente na área industrial urbana fazendo com que ocorra uma modernização na economia brasileira. O grande crescimento da população urbana se deu com a consolidação da industrialização do país a partir de 1950. Assim, o crescimento industrial e os investimentos em infraestrutura foram alguns dos fatores

responsáveis pela explosão demográfica urbana.

Tabela 1- Breve histórico das migrações internas no Brasil

Século	Características
XVI e XVII	Saída de nordestinos da Zona da Mata rumo ao Sertão atraídos pela expansão da pecuária.
XVIII	Saída de nordestinos e paulistas rumo à região mineradora (Minas Gerais).
XIX	Saída de mineiros rumo ao interior paulista atraídos pela expansão do café.
XIX	Saída de nordestinos rumo à Amazônia para trabalhar na extração da borracha.
XX- década de 1950	Saída de nordestinos rumo ao Centro-Oeste (Goiás) para trabalhar na construção de Brasília. Esse período ficou conhecido como a “Marcha para o Oeste”, e os migrantes foram chamados pejorativamente de “calangos”.
Décadas de 1950 e 1960	Saída de nordestinos (principalmente) rumo ao Sudeste, motivada pela industrialização. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro receberam o maior fluxo de imigrantes.

Décadas de 1960 e 1970	Saída de nordestinos que continuaram migrando para o Sudeste, o Centro-Oeste (Mato Grosso) e o Sul (Paraná). A partir de 1967, com a criação da Zona Franca de Manaus, ocorreu intensa migração de nordestinos rumo à Amazônia (principalmente Manaus). Em grande parte foi uma migração orientada pelo governo federal.
Décadas de 1970 a 1990	Saída de sulistas rumo ao Centro-Oeste (agropecuária) e de nordestinos rumo à Amazônia (agropecuária e garimpo). Em consequência, o Norte e o Centro-Oeste foram , respectivamente, as regiões que apresentaram o maior crescimento populacional do Brasil nas últimas décadas.

Fonte: IBGE. *Atlas nacional do Brasil, 2000.*

p. 76.

A tabela nos revela que a população brasileira teve sempre sua mobilização motivada à necessidade de buscar melhores condições de vida, onde as ofertas de emprego representou um atrativo para que ocorressem as migrações. A consequência imediata do êxodo rural foi o crescimento acelerado da população urbana provocando o chamado 'inchaço' nas cidades que não tinham preparo para receber tanta gente, ocasionando uma enorme massa de excluídos nos centros urbanos.

A industrialização e a urbanização são

processos complementares que costumam marchar associados um ao outro. A industrialização oferecendo empregos urbanos à população rural; essa entrando em êxodo na busca dessas oportunidades de vida. [...] No Brasil, vários processos já referidos, sobretudo o monopólio da terra e a monocultura, promovem a expulsão da população do campo. [...] Embora haja variações regionais e São Paulo represente um grande percentual nesse traslado, o fenômeno se deu em todo o país. Inchou as cidades, desabitou o campo sem prejuízo para a produção comercial da agricultura que, mecanizada, passou a produzir mais e melhor. (RIBEIRO, 1995, p. 198)⁶

Segundo o IBGE o termo favela diz respeito a um aglomerado de pelo menos 50 domicílios, sem infraestrutura e em áreas juridicamente 'ilegais'.

Existem várias hipóteses para a origem das favelas. Porém, não existe uma explicação única para o surgimento desse tipo de habitação, mas sim uma série de fatos que levaram a sua conseqüente existência. Com a Lei 601 de setembro de 1850 (A Lei de Terras) a terra passa a ser uma mercadoria, onde só quem podia pagar tinha o reconhecimento jurídico de proprietário. Estrategicamente imposta em um período de transição do sistema escravista para o assalariado, beneficia amplamente a elite. Devido ao seu alto valor a aquisição de terras por parte tanto dos ex-escravos como pelos imigrantes pobres é dificultada. Essa Lei não atinge apenas as propriedades rurais, atuando também nas áreas urbanas, principalmente

6- SURGEM AS FAVELAS

após o processo de industrialização-urbanização.

Mesmo assim, a elite e seus descendentes acreditam que a condição econômica da população negra é consequência característica da própria etnia e não da escravidão e da opressão que sofreram e sofrem.

Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. [...] A nação brasileira, comandada por gente dessa mentalidade, nunca fez nada pela massa negra que a construía. Negou-lhe a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência. Só lhes deu, sobejamente, discriminação e repressão. Grande parte desses negros dirigiu-se

às cidades, onde encontrava um ambiente de convivência social menos hostil. Constituíram, originalmente, os chamados bairros africanos, que deram lugar às favelas. (RIBEIRO, 1995, p. 222).⁶

Segundo Rodrigues (1996, p. 25-45)⁴ a propriedade deveria ser subordinada ao interesse 'social e coletivo' ou ao 'bem-estar social' (Constituição de 1946) ou a 'função social' (Constituição de 1969). Porém, o que geralmente ocorre é o privilégio por parte da elite, grandes proprietários de terras em relação à imensa população sem direito à moradia. Onde o gatilho foi acionado na defesa da terra sem uso, contra os que buscam, através de muito sacrifício, resolver seu problema de sobrevivência.

No entanto, para Rodrigues (1996, p.37)⁴ a partir do surto industrial e do inchaço urbano as favelas passam a ser vistas como 'problema', um local de marginais, porém um local onde se conseguem votos; e como resultado do processo de migração e os favelados vivem desta forma, porque estão se 'integrando' no meio urbano. Contudo, a favela surge da necessidade do *onde* e do *como* morar.

Como resultado sócio-histórico do povo negro durante vários séculos de exploração e violência, sem outra opção, acabaram por formar as primeiras habitações, junto a outras minorias exploradas, hoje conhecidas como favelas, onde preservou sua cultura, representando atualmente um dos maiores focos da resistência cultural afro-brasileira.

Há maior concentração de negros no sudeste e no nordeste, respectivamente, pelo

fato de a escravidão ter sido mais intensa nessas regiões. A análise econômica dos brasileiros, mostram que os longos e intensos processos de exploração dos negros resultaram na desigual distribuição de renda, oportunidade e escolaridade entre nossas etnias. (ALMEIDA E RIGOLIN, 2005, p. 237).¹¹

7- A RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA NAS FAVELAS DE SÃO PAULO

Atualmente, é no interior das favelas que encontramos o principal foco da preservação cultural do povo negro, local que restou a este povo e onde muito bem soube e sabe sobreviver, proliferando sua cultura, reafirmando sua identidade e lutando por sua cidadania.

Segundo Joffily (1999?, p. 81)⁵ na primeira geração pós-1888 a identidade negra

brasileira alcança um novo estágio, após séculos de germinação, sobretudo nos bairros negros e a seguir nas favelas dos centros urbanos com maior densidade de afrodescendentes.

O negro rural, trasladado às favelas, tem de aprender os modos de vida da cidade, onde não pode plantar. Afortunadamente, encontram negros de antiga extração nelas instalados, que já haviam construído uma cultura própria, na qual se expressavam com alto grau de criatividade. Uma cultura feita de retalhos do que o africano guardara no peito nos longos anos de escravidão, como sentimentos musicais, ritmos, sabores e religiosidade. [...] Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e inúmeras manifestações culturais. (RIBEIRO, 1995, p. 222)⁶

7.1- O Candomblé

Além de religião o Candomblé também pode ser entendido como a resistência cultural de um povo que em meio à tantas adversidades foi capaz de preservar sua memória ancestral. Memória esta que tem suas raízes na África e que no Brasil foi capaz de sobreviver à aculturação e às tentativas de embranquecimento de seu povo.

O Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi ,Walmir Damasceno, é dirigente civil e religioso do Instituto Latino Americano de Tradições Afro Bantu – Ilabantu, entidade mantenedora e conservadora do Nzo Tumbansi, Terreiro de Candomblé Congo-Angola, Itapecerica da Serra/SP.

Sobre a importância do Candomblé, o Taata fez o seguinte relato: ” A importância central

já que é atividade de natureza religiosa que alimenta a força da ancestralidade, logo das raízes existenciais.

Acerca da importância do candomblé para a favela relatou: “ A importância para a favela deve ser contextualizada para os habitantes da favela, mas acredito ser fundamental como manutenção da identidade negra e de todo povo do santo, como elemento cultural fundamental que vincula às raízes africanas.”

Já a importância do candomblé para a cultura negra, citou que: “ Para a cultura negra o candomblé é essencial como forma de resistência cultural e religiosa ao fenômeno que foi batizado de deculturação que é a imposição de valores e crenças alheios à raiz daqueles que são dominados social e economicamente.”

Sobre a favela enquanto um Quilombo Urbano relatou: “ Considerando que a maioria dos habitantes da favela são negros e descendentes dos povos negros, pode-se inferir que são quilombos urbanos.”

Existem, na região Metropolitana de São Paulo vários terreiros de Candomblé, entre eles: Terreiro: Ilê Axé Oguntolá Bii-Ifá (Embu- SP); Terreiro: Ilê Axé Afro-Brasileiro Oi -Iz” e Olodemin (Guarulhos- SP); Terreiro: Ilê Axé Oromin Ypondá(Ermelino Matarazzo – SP); Terreiro: Candomblé Alaketu Ilê Axé Palep Mariô Sessu (Santo Amaro-SP); Terreiro: Igbé Ty Oymbó Omó Orixá Ogunjá (São Miguel Paulista-SP); Terreiro: Ilê Afro Monte Serra (Jabaquara-SP); Terreiro: Ilê de Obaluaê (Jardim Brasil-SP); Terreiro: Ilê Alaketu Xangô Airá (São Bernardo do Campo- SP); Terreiro: Ilê Axé Is” WóPó Ni Agbar (Parque Edu Chaves- SP);

entre muitos outros. (PRANDI, 1991, p. 260)¹²

7.2- A Capoeira Angola

A Capoeira, a luta disfarçada em dança, a dança de guerra, que ajudou a derrubar as portas da senzala, derrotou o capitão-do-mato e abriu os caminhos para os quilombos, resiste até nossos dias e chega até nós enquanto Capoeira Angola, preservada pelos velhos Mestres, que dedicam suas vidas para dar continuidade a esta manifestação de resistência étnica-cultural, que se espalha pelo mundo enquanto referência do povo afro-brasileiro.

Francisco Thomé dos Santos Filho, nasceu no Município de Vera Cruz, na Ilha de Itaparica (BA) em 24 de março de 1947. Assim como muitos outros nordestinos veio para São Paulo em busca de trabalho passando a morar na periferia de Santo Amaro, onde reside

atualmente. Francisco 45 ou ainda Mestre Bigo, como é comumente chamado é discípulo de Mestre Pastinha e Mestre da Academia de Capoeira Angola Ilê Axé. Desenvolve um trabalho de Capoeira Angola na Associação dos moradores da Favela do Jardim Selma- Santo Amaro, tendo trabalhos também nas cidades de Miracatu e Registro (Vale do Ribeira). Mestre Bigo viajou (e viaja) por várias cidades brasileiras, assim como também Uruguai e México, difundindo a Capoeira Angola, cultura que saiu dos Códigos Penais e em 2008 foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil. Segue o relato de Mestre Bigo sobre a Capoeira Angola e a importância desta em sua vida:

-“A Angola é Angola. Pra mim a Angola é a capoeira verdadeira, é a mãe. Ela veio como dança e tornou-se luta. Depois surgiu a regional, pra começar, dou muito apoio também, pra regional, que ela é filha, é mãe e

filha. Angola, regional e contemporânea também, respeito também. Então a semente vai se espalhando. Angola que é mãe, regional e vem depois a contemporânea. E vamos levantando a capoeira. Capoeira, ela vem com o nome assim, capoeira, mas o Mestre Bimba dividiu. Depois veio a contemporânea também. Eu comecei em 54, com oito anos de idade. Foi quando eu vi Mestre Pastinha fazer exibição dentro da base naval, que o meu pai é de marinha. Lá com Mestre Gato Preto e outros Mestres lá também, o Mestre, como é o nome dele? Cobrinha. Entendeu. Foi quando eu conheci Mestre Pastinha lá, mas antes eu conhecia a capoeira já, conhecia bem assim, eu via o Mestre Gerson Quadrado jogando lá na Ilha lá.” [Ilha de Itaparica]

Sobre a importância da Capoeira Angola para a comunidade na qual ela está inserida, Mestre Bigo fez o seguinte relato: -” É

cultura. Você conversa com um angoleiro; por mais que ele seja um analfabeto, você sente nele assim, educação. Quem educa é a Capoeira Angola, a mãe educa todos os filhos. Ela sabe educar, uma boa mãe, educa todos os filhos. Pra começar, uma mãe nunca nega um filho, mas o filho nega a mãe sim. Uma mãe pode ter dez filhos, pra ela, todos são iguais. E aquele que as pessoas mais diz que é errado que ela dá mas apoio, que ela encobre mais, não é que ela encobre mais, que ela dá mais apoio. Aquele que não tem assim, cobertura da humildade, a mãe tá ali, ela acolhe. Uma mãe é pra cem filhos e cem filhos não é pra uma mãe. É bem assim”

Acerca da resistência cultural negra nas favelas de São Paulo, que vem caracterizá-la enquanto quilombo urbano, Mestre Bigo citou: -”Pra começar eu aceito, aceito mesmo. Porque mesmo assim, nós viemos de baixo, mas estamos se levantando. Pra

começar, se você olhar bem assim, a Capoeira Angola é cultura, você vê mais pessoas que tem curso superior, mais dentro da Angola que da Regional; mas é o que, não é a negritude; é a cultura. Mesmo assim dentro da Angola, o cara treina Angola, o cara quer saber o fundamento, não é o afogamento, né? Ele quer o fundamento. Os negro chegaram aqui no Brasil, né? Tudo bom e daí? Tá certo eu concordo com a faculdade, que a pessoa fazer uma faculdade. Que não treine capoeira, mas tenha o conhecimento, entendeu? Tem que saber a história da capoeira. Com certeza. Isso é importante pra nós.”

É realizada atividades de Capoeira Angola em vários locais da região Metropolitana de São Paulo como, por exemplo: Grupo de Capoeira Angola Senhor do Bonfim, de Mestre Ananias (Bela Vista); Escola de Capoeira Cruzeiro do Sul, de Mestre Minha (Santo Amaro); Grupo Negaça de Capoeira Angola, de Mestre

Cavaco (Vila Guilherme); Instituto Nzinga de Capoeira Angola, de Mestres: Janja, Poloca e Paulinha (Pinheiros); Grupo de Capoeira Semente do Jogo de Angola, de Mestre Jogo de Dentro (São Paulo); Capoeira Angola Mestre Kapetinha (Santo Amaro); Irmãos Guerreiros, de Mestre Marrom (Taboão da Serra); Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, de Mestre Plínio (Perdizes, São Bernardo do Campo e Zona Norte); Capoeira Angola No Fio da Navalha, de Contra-Mestre Cenorinha (Santo André); Guerreiros de Senzala, de Contra-Mestre Pinguim (Butantã); entre outros.

7.3- O Samba

José Mariltom da Cruz: o Chapinha do Samba da Vela, nasceu no Ceará, vindo morar em São Paulo na década de 70. Em 1987 participou do CD coletânea "Recado aos Bambas"; em 1996 gravou o CD "Criança de

Rua"; em 2000 criou o Espaço Cultural Ziriguedum em Santo Amaro, onde fundou a Comunidade Samba da Vela. Foi vencedor, em 2003 do 1º Festival de Samba de Quadra de São Paulo, em 2005, foi homenageado na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em reconhecimento a sua militância no samba. Atualmente, Chapinha realiza em Santo Amaro, todas as segundas-feiras, o Samba da Vela. (<http://www.chapinhadosambadavela.com.br/sobre-nos/>)¹³

A respeito da importância do samba na sua vida, Chapinha citou: "Na medida que fui me tornando um sambista ao mesmo tempo fui me tornando um cidadão também, ou seja, o samba além de me fazer sentir se melhor enquanto pessoa, também é meu ganha pão, portanto o samba para mim tem a mesma importância que a bola tem para o Pelé, claro sem fazer comparação."

Sobre a importância do samba para a comunidade fez o seguinte comentário: " Para a comunidade em si o samba é uma diversão e também um instrumento socializador, até porque muitas comunidades de samba em seus encontros, arrecadam alimentos para distribuir com as famílias mais necessitadas."

Citou sobre a importância do samba para a cultura negra: " Bom, todos nós sabemos que os negros nas senzalas se manifestavam batendo seus tambores, usando o samba como forma de manifestação, com o tempo virou samba e claro o samba é o mais genuíno ritmo do povo Brasileiro,mas não se pode negar que tudo isso começou com os negros, portanto, samba é tambor e tambor é patrimônio da negritude, isso na minha modesta opinião."

Acerca das favelas enquanto Quilombos Urbanos, Chapinha comentou: "Sim, eu acho que a favela é uma extensão do quilombo, não

só pela resistência cultural mas também pelo número de pessoas que se concentra em cada unidade, até porque, nem uma família tem menos que três ou quatro filhos.”

Ligadas ao samba ocorrem em São Paulo as seguintes atividades: Samba do Sino (Guarulhos); Samba Jardim Jangadeiro (Jardim Jangadeiro); Terreiro de Compositores (Parque São Lucas); Samba de Primeira (Pirituba); Candeeiro do Samba (Eldorado); Samba da Quinta (Chácara Santana); Samba de Todos os Tempos (Chácara Santana); Chorinho do Norte (Jardim Monte Azul); Samba Família (Jardim Bussocaba); Buraco do Sapo (Freguesi do Ó); Nosso Samba de Osasco (Osasco); Comunidade Samba Jorge (São Miguel Paulista); Samba da Berinjela (Vila Santa Maria); Samba do Olaria (Vila Alpina); Samba da Tenda (São Miguel Paulista); Pagode do Sobrado (Guarulhos); Canto pra

Velha Guarda (Vila Galvão); Pagode da 27 (Grajaú); Samba na Feira (Limão); Samba no Beco (Favela da Vila Prudente); Sociedade Samba Dá Cultura (Piraporinha); Comunidade Maria Cursi (São Mateus); Samba no Asfalto (Ermelino Matarazzo); Samba da Laje (Vila Santa Catarina); entre outras. (Agenda Cultural da Periferia, 2012, p. 5-6-7).¹⁴

7.4- O RAP

Cocão é integrante do grupo de RAP Versão Popular e promove junto à outras pessoas o Encontro Rap, no Jardim Angela. Projeto que convida grupos de Rap de diversas regiões de São Paulo para que possam apresentar sua música.

A seguir Cocão relata a importância do Rap na sua vida, para a comunidade e para a cultura negra:

-”Aos longos desses anos, venho percebendo que a Música é capaz de nos dar Auto Estima, quando mais novo era muito tímido, me relacionava com dificuldade, tanto com os amigos como no meu ambiente familiar; através do meu convívio hoje na ilha cultural que tenho a oportunidade de estar próximo, vejo que minha vida melhorou e muito devido a poesia do RAP e todo o movimento, sendo assim o rap na minha vida é meu Rg, minha auto valorização, afirmação como cidadão , morador de periferia. Quase o mesmo efeito, o rap é para a favela, é a trilha sonora da vida de cada um de nós moradores. É o resgate da identidade dos nossos antepassados, a história verdadeira do nosso País.”

Discorre também sobre a resistência cultural negra nas favelas de São Paulo, que vem caracterizá-la enquanto quilombo urbano:

-”Acho que em alguns casos sim, nem toda comunidade pode assim se afirmar. É difícil

querer resistir num local onde a miséria exista, onde as pessoas ainda vivem com dificuldade.”

Além do Encontro RAP acontecem também outras atividades ligadas ao Rap nas periferias de São Paulo, como por exemplo, Reduto RAP (Pirituba); Ensaiaço (Capão Redondo); Hip Hop em Ação (Diadema), entre outras. (Agenda Cultural da Periferia, 2012, p. 4).¹⁴

7.5- A Literatura

Lobão reside no Capão Redondo, onde promove várias atividades culturais à comunidade; é poeta e artesão, escreveu o livro: Fam da Rua e está se preparando para lançar seu próximo livro: Cosmopolita em Pó. Frequenta a Cooperifa, movimento literário que acontece todas as quartas-feiras, com recital de poesias, na Chácara Santana, Zona Sul de São Paulo.

O poeta Evandro Lobão fez o seguinte relato sobre a “literatura marginal”:

- ”No começo pegamos bases dos literários como literatura beat, depois os Malditos Brasileiros, João Antonio, Plínio Marcos, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus. Depois inventamos um rótulo que nos representávamos ”literatura marginal” e vários escritores como Paulo Lins (Cidade de Deus) não concorda com o termo “literatura marginal”, ele mesmo diz que literatura não tem rótulos, mas pra gente escritor da periferia, a literatura que representa até quem nunca vai lê-la, a voz dos sem voz. Acho, essa literatura aí sempre teve outros nomes, mas a periferia nunca foi definida nem inserida nesses nomes, não somos a geração 90, nem os da praça tal, nem contemporâneos. Tem gente que fala que nem literatura somos. Então no meu caso isso serve para dizer que temos uma identidade e somos muitos, mas

nome é nome, a forma é mais importante no final, se não tiver qualidade não é nada então.

Sobre a importância da literatura para sua vida e para a favela cita que:

-”No dia-a-dia, a literatura deixa você crítico, mais zica na mente, ajuda nas escolhas, na postura, melhora a estima, mostra como se impor na sociedade.”

A respeito da resistência cultural, as favelas enquanto quilombos urbano relata:

-“Acho que a favela hoje em dia tinha que ter uma cerca ao redor dela para os sociólogos, intelectuais, pagarem para visitar que são só eles mesmo que gosta de favela, favelado não gosta de favela, favelado não gosta de enchente, não gosta de rato, não gosta de esgoto ao céu aberto, não gosta de policia invadindo sua casa sem mandato, vejo quilombo como forma de resistência nosso povo ainda é escravizado antes eles davam

um espelho hoje as caravelas vem com símbolos da nike.”

Ocorrem várias atividades ligadas à literatura, em São Paulo, entre elas: O Sarau do Binho (Taboão da Serra e Santo Amaro); Sarau Beco dos Poetas (Jabaquara); Ter Sarau (Heliópolis); Sarau da Cooperifa (Chácara Santana); Sarau da Ademar (Cidade Ademar); Sarau de Paraisópolis (Paraisópolis); Literaturanossa (Suzano); Sarau Vila Fundão (Capão Redondo); Sarau Elo da Corrente (Pirituba); Sarau Palmarino (Embu das Artes); Sarau Perifatividade (Vila das Mercês); Sarau da Guilhermina (Metrô Guilhermina); Sarau Literaria (Campo Limpo); Pavio da Cultura (Suzano); Sarau Poesia na Brasa (Brasilândia). (Agenda Cultural da Periferia, 2012, p. 8-9).¹⁴

DISCUSSÃO

Resistindo à séculos de aculturação, a população negra conseguiu, por meio de diversas estratégias preservar sua identidade e cultura.

Por meio dos relatos do Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi, podemos perceber a seriedade e a consciência sobre a importância da resistência e preservação da religiosidade negra, não apenas enquanto religião, mas também enquanto a resistência de um povo.

A partir dos relatos de Mestre Bigo é possível analisar a importância desta resistência cultural para a comunidade uma vez que esta resgata as pessoas, educando-as e dando-lhes uma identidade cultural ancestral que resiste ao longo dos séculos.

Chapinha por meio de seu relato evidenciou não apenas a presença do samba dentro de sua

comunidade, mas também a sua importância enquanto resistência cultural e social.

Por meio dos relatos de Cocão identifica-se a existência destas atividades e sua importância enquanto instrumento de referência, identidade, conscientização e luta dentro das comunidades em que estão inseridas.

Os relatos do Lobão ao mesmo tempo que evidenciam a existência e a importância desta atividade nas comunidades, denunciam o descaso do Estado em relação à estas localidades e a revolta de seus moradores, que são lembrados apenas nas épocas de eleições, nas estatísticas e nos noticiários maldosos e tendenciosos da grande mídia.

CONCLUSÃO

Com base na trajetória histórica do povo negro no Brasil, pode-se concluir que esse povo foi responsável por construir a riqueza

do país, sendo, porém excluído de seus benefícios. A sua liberdade, resultado de seu próprio esforço e inconformismo não veio acompanhada de indenizações e reparações, sendo abandonado à própria sorte, tendo que sobreviver em meio a uma sociedade influenciada por ideias racistas que marcam esse povo e representam uma difícil barreira a ser superada que resiste até os dias atuais. Porém, mesmo em meio a tantas adversidades a população negra conseguiu resistir às várias tentativas de anulamento cultural e mostra sua força, principalmente dentro das favelas, localidades estas que segundo as pesquisas e o Projeto de Lei, encaixa-se enquanto quilombos urbanos por representarem aglomerações e focos culturais afro-brasileiros, e também devido à sua falta de infra-estrutura, marginalização, moradias inadequadas, falta de justiça social, violência, preconceitos etc., com predominância da

população negra, apesar de abrigar também outras etnias. Os relatos evidenciam a presença cultural negra nestas localidades e a sua importância, assim como o inconformismo de seus moradores em relação às condições socioeconômicas que vivenciam, e a necessidade de uma maior conscientização

por parte de algumas pessoas que moram nas favelas sobre sua identidade cultural e seu papel social, evidenciando a importância das atividades que realizam, uma vez que estas atividades resgatam e educam, tornando as pessoas mais críticas, atuantes e mais próximas de sua identidade cultural

REFERÊNCIAS

Livros

[1]Lopes, Nei. **Novo Dicionário Bantu do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

[2] Moura, Clovis. **A história do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1994

artigo

[3]Ferreira, Luiz Alves; Braga, Francinete Santos. **Formação dos Quilombos Urbanos: Uma Análise dos deslocamentos da África para o Brasil**.2010. 9 f. Revisão de Literatura.

livros

[4]Rodrigues, Arlete Moysés. **Moradias nas cidades brasileiras**. 6.ed. São Paulo: Contexto,1996.

[5] Joffily, Bernardo. **Isto é, Brasil 500 anos- Atlas Histórico**. São Paulo: Grupo de Comunicação Três S/A, 1999?

[6] Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

[7] Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da Língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

[8] Chiavenato, Júlio José. **O negro no Brasil- da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna,1999.

[9] Freitas, Décio. **Palmares- A Guerra dos Escravos**. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto,1994.

[10] Silva, Marcos Rodrigues, **O negro no Brasil: histórias e desafios**. São Paulo: FTD, 1987.

[11] Almeida, Lúcia Marina Alves de; Rigolin, Tércio Barbosa. **Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

[12] Prandi, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo : a velha magia na metrópole nova**. São Paulo : HUCITEC : Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

[13]<<http://www.chapinhadosambadavela.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em 27/11/2012, às 15:17 h.

Revista

[14]AGENDA CULTURAL DA PERIFERIA- Ação Educativa. São Paulo, 2012. Mensal.